

G3Rdo580

AÍLTON KRENAK

A morte é branca

Os índios estão pintados para a guerra. No Xingu, resistem à construção de usinas hidrelétricas em suas terras e mostram a sua indignação de diversas formas. Como a kaiaipó Tutra, que passou várias vezes um facão rente ao rosto de um diretor da Eletrobrás. É uma guerra "pacífica". Mais com simbologias como esta do que com violência. Mais ao Norte, os yanomami enfrentam garimpeiros, em outros lugares fazendeiros, madeireiros. E há alguma coisa diferente. Os índios perceberam que a opinião pública mundial — ao contrário da brasileira, que em grande parte ainda encara o índio como um bicho que pode ser morto à vontade — está ao seu lado. Os índios desta vez estão organizados, e não querem ser assimilados ou destruídos pela cultura dos brancos.

Ailton Krenak é um dos últimos remanescentes de um grupo botocudo do Vale do Rio Doce, em Minas, onde o governo fez uma guerra de extermínio de 85 anos, de 1808 a 1893, e que continuou destruindo depois, de formas diferentes, sem guerra declarada. Ele é coordenador da União das Nações Indígenas, um autodidata na cultura dos brancos e que está "aprendendo o pensamento grande com os pajés". O depoimento de Ailton Krenak foi dado a Ráilda Herreiro e Mouzar Benedito.

Como é que o governo pensa em resolver o problema de mais alguns milhares de brasileiros que ele vai transformar em miseráveis com esses projetos? Porque geralmente a gente vê o governo dizendo que está preocupado com o tanto de miseráveis que tem no Brasil, com os pobres, os desempregados, os sem-terra. Eu acho contraditório que em vez dele procurar ajudar os pobres, os desempregados e os sem-terra ele arrume um jeito de botar mais gente para engrossar a fila dos pobres, dos empregados e sem-terra. O que serão os índios, os coletores, os seringueiros, os ribeirinhos dessa área, da região do Xingu, depois de perder suas terras? Vão ser presidentes da Eletrobrás? O governo vai dar cargos para eles na Eletrobrás? Vão todos virar servidores públicos? Vão morar em apartamentos em Brasília?

Porque lá onde eles vivem hoje não vai dar para viver mais depois da construção dos lagos. O complexo hidrelétrico de Altamira-Xingu vai inundar aproximadamente 20 mil quilômetros quadrados de florestas. É um oceano que vão fazer na Amazônia. Depois, quando os gases podres começarem a se elevar e começarem a surgir mosquitos como os que já tem no lado de Tucuruí, que picam as pessoas e dão feridas e transmitem doenças que ainda não têm diagnóstico nem formas de combate, como é que aquelas tribos vão sobreviver? Ou o governo pretende construir um leprosário depois que fizer as hidrelétricas? Se ele tiver verba para construir um leprosário do tamanho da hidrelétrica, talvez ele tenha uma solução para o problema, porque ele vai criar uma horda de miseráveis. Isso não é desenvolvimento. Ou então isso é exatamente desenvolvimento.

Índio é bicho

Não existe nenhuma tribo que pagou um preço menor que a mortandade de 50 ou 60% de seu povo no contato inicial com os brancos. Nenhuma. A grande maioria pagou o preço de morrer 80 a 90%. Isso nos primeiros dez anos de contato. Um povo de contato recente que eu posso contar é o povo suruí, de Rondônia. Os suruí eram estimados em aproximadamente 1.300 a 1.400 pessoas há menos de vinte anos, em 1972, quando foi feito o primeiro contato com eles. Hoje eles são 430 indivíduos. Seria como se o Brasil recebesse uma visita hoje e vinte anos depois nós fôssemos 43 milhões ao invés de 130 milhões.

Olha, para ser preso no Brasil por matar índio, você tem que ser muito desgraçado. Você tem que ser um sujeito muito infeliz, não ter amizade com ninguém, não ter pai nem mãe. Tem que ser, se possível, um estrangeiro totalmente alienado do mundo. Porque se tiver alguns amigos e algum dinheiro, pode matar à vontade que não tem problema não.

Os grandes matadores de índios no Brasil sempre foram os mesmos. Eles só usam pistoleiros diferentes. O pistoleiro que muda, os matadores sempre foram os mesmos, os gananciosos que querem tomar a todo custo os territórios indígenas, expropriar as terras indígenas de madeira, de minério, daquilo que julgam como valor. São as famílias mais "honoradas" do Brasil, que são os grandes matadores de índio. Eu não preciso dar a lista dos nomes deles, porque você pode pegar nos livros de História do Brasil. Eles falam das famílias tradicionais brasileiras. Co-

mo você acha que as famílias tradicionais brasileiras viraram tradicionais? Matando índios.

Quem você acha que são os donos das empresas mineradoras, por exemplo? São as famílias tradicionais brasileiras e seus amigos tradicionais estrangeiros. E tudo uma tradição só.

Funai é crime

Teve uma vez que me perguntaram: "Krenak, o que você acha de tirar a Funai do Ministério do Interior e botar na Presidência da República?" Eu disse o seguinte: eu acho que deveria botar a Funai no Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores), só que não deveria ser Funai, deveria ser um organismo dentro do Itamaraty para tratar das relações internas, tratar com grupos étnicos do Brasil. E lá dentro do Itamaraty deveria ter embaixador que falasse kaiaipó, guarani, kaingangue, xavante, yanomami. E que eles tivessem formação, realmente. Da mesma maneira que um embaixador que trata com a China é educado sobre cultura chinesa, aprende a etiqueta e o tratamento chinês.

Eu acho que a Funai deveria ser substituída, porque ela é uma espécie de dinossauro, uma coisa pré-histórica, uma agência de colonização nos piores modelos africanos, ou seja, do francês para a África, do inglês para a África. Acho que a Funai deveria ser apagada da memória da humanidade, como uma espécie de crime hediondo.

No lugar dela deveria-se adotar uma coisa luminosa, que seria uma representação diplomática formada por pessoas de espírito nobre, de dentro da sociedade brasileira, que fossem dialogar com as sociedades tribais. E que esse diálogo nunca significasse relações internacionais, nem o reconhecimento político de autonomia territorial, Estado ou qualquer coisa assim das tribos; mesmo porque tribo não tem nada a ver com Estado, porque os povos tribais estão fundados em princípios que são muito mais religiosos do que de política convencional.

Esses diplomatas, no dia em que comessem a dialogar com as tribos, iam descobrir o óbvio: que nós sempre estivemos aqui, e que não é possível você manter relações internacionais com quem sempre esteve aqui. Iam descobrir o óbvio de novo: que nós somos a nação brasileira. Iam descobrir o óbvio mais uma vez: que eles caminharam na noite por muitos séculos. Eles trombaram contra seus hospedeiros, seus anfitriões. Chutaram, pisaram no pescoço e na goela dos seus anfitriões, arrancaram as tripas dos seus anfitriões no corredor da casa deles, achando que estavam num beco da civilização estúpida de que vieram. E no dia que se acender a luz, eles vão olhar e ver que estão entre amigos. Chegaram numa casa, foram recebidos com abraços, com frutas, com sol e com mar, e deram porradas, cacetadas, facadas... E isso que o Itamaraty vai descobrir, se algum dia ele abrir o olho. Senão ele vai continuar no escuro, dando facada, porrada, cacetada e botando capanga dentro da Funai para matar índio no mato.

Governo é extermínio

Quase duzentos anos depois do governo imperial ter movido guerra de extermínio contra uma parte do povo brasileiro — as tribos do Vale do Rio Doce — temos a tristeza de constatar que esse tipo de pensamento e de prática ainda vigora na ideia de consolidação da nação brasileira. A nação brasileira quer se consolidar à custa do submetimento dos povos originais daqui, dos filhos desta terra.

Nós vemos hoje esse programa de consolidar as fronteiras do extremo norte da Amazônia, que é o projeto Calha Norte, que tem como principal motivação subordinar a dinâmica da organização social e ocupação territorial dos índios da faixa de fronteira a uma política de segurança nacional. Isso resulta em medidas concretas de aldeamento — a semelhança do que foi feito com os botocudos, à base da força — de grandes populações indígenas, em áreas que não correspondem ao seu habitat tradicional nem à sua maneira tradicional de vida. Isso está sendo feito com os yanomami (fronteira com a Venezuela), com os tukano (fronteira com a Colômbia), e está sendo feito de forma muito intensa também com os nossos parentes kaiaipó e guarani (Mato Grosso do Sul), um povo

maravilhoso, que tem vivido tempos duros, tempos de uma dificuldade tão grande que às vezes a gente fica pensando como é que o povo kaiaipó continua existindo fisicamente.

Só mesmo com um espírito muito forte que eles têm para continuar existindo, porque eles têm sido submetidos a todo tipo de escárnio e humilhação. A última campanha que o governo brasileiro fez com eles foi de expulsão das pequenas áreas kaiaipó e guarani, usando tropas da polícia militar, com ônibus e caminhões onde eram jogados homens, mulheres e crianças, de baixo de porrada, e jogados depois nas margens de estradas, onde finalmente eram enxotados pelos fazendeiros, que achavam que eles estavam se instalando nas margens das estradas para invadir suas terras. Aldeias inteiras foram dizimadas.

Nova República é piada

Os acontecimentos da vida política tangenciam os acontecimentos que não são mundanos. Eles mexem com as coisas. É claro que se a gente tivesse um homem digno, de coração e espírito nobres governando o País, ele poderia influenciar o comportamento dos outros homens, que estariam ajudando a governar o País. Ele vai ouvir mais, vai ter o coração mais aberto. Mas isso é apenas um movimento a caminho do entendimento, a caminho do respeito. Porque a estupidez é tão grande que seria mais ou menos como você procurar uma pérola no fundo de uma fossa. Pode até existir uma pérola no fundo de uma fossa, mas a fossa está chela mesmo é de merda.

Essa piada de Nova República só é possível numa realidade mediocre, constrangida, num pedaço do mundo onde a escuridão reina com toda força, e onde as pessoas se debatem buscando luz, buscando entendimento. É um esforço. Não é o que aconteceu de ruim que é fruto da Nova República. A Nova República é que só pode brotar numa terra muito estranha, num ambiente muito corrompido. A Velha República também só podia nascer de um ventre muito corrompido. A Velhíssima República também só podia ser filhote de um império que declarou guerra ao meu povo. O império só podia ter nascido de uma colonização criminosa que os portugueses e espanhóis fizeram no meu país. É a colonização criminosa que eles fizeram só podia ter sido gerada no ventre de uma civilização corrupta e confusa como era a civilização européia do século XV.

Céu é vivo

Uma profecia dos nossos parentes yanomami é um pensamento muito forte, muito bonito, que diz assim: "Quando eu estiver me pondo fraco, a noite virá como o vento. A noite virá como o vento da manhã, porque eu estarei morrendo." Essa palavra é profética, que conta que o céu vai baixar, se desmoronar sobre a Terra, com todos os seus elementos.

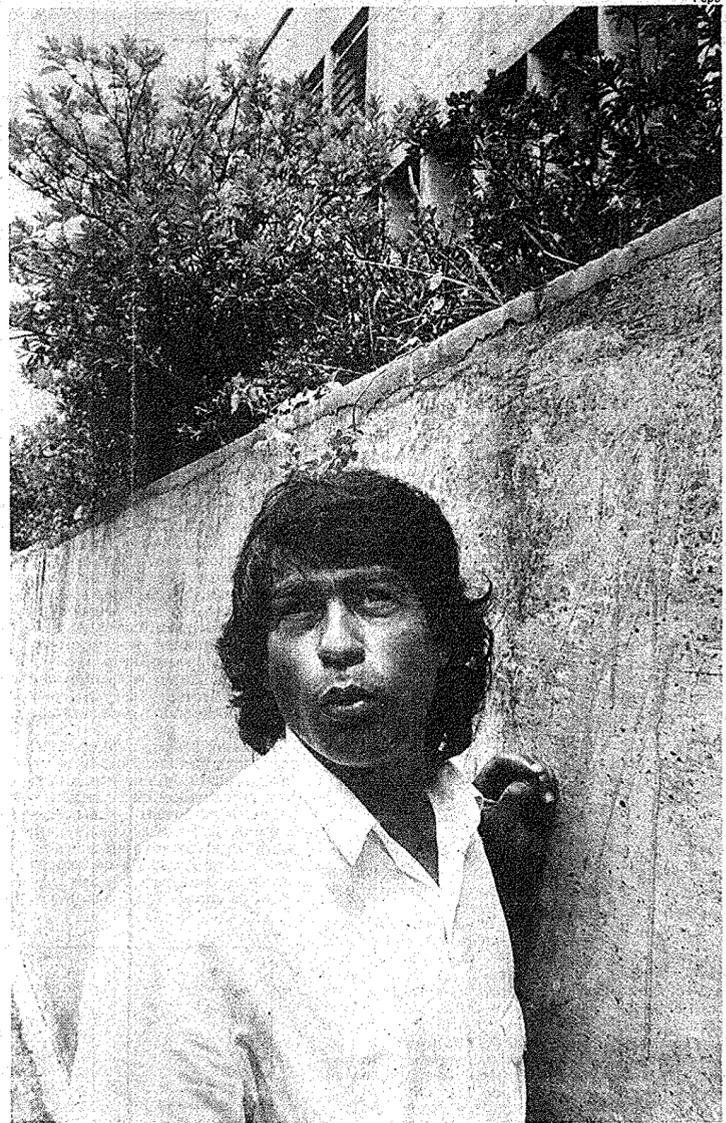
O céu — o nome dele é Vudukala — é um ser vivo. As pessoas pensam que é só nuvem, vento e espaço. Este é o jeito que Vudukala se manifesta, mas ele está sustentando o mundo. O sol, que é parente dele, está ali instalado.

E se os homens continuarem dessa maneira, Vudukala vai abrir o espaço, os raios do sol vão descer direto sobre a Terra. E daí dá câncer, emvenenamento das águas, não vai ter planta que vai sobreviver. Tudo vai ser destruído, e o céu vai descer.

O genro do sol, que vai lá dentro do núcleo do sol e que transita para cá, já conversou com os pajés, já explicou o que está acontecendo. Anunciou até aquele buraco no céu, que os brancos estão fazendo de tanto envenenar aqui embaixo, jogando muita fumaça para o céu e causando um ferimento no peito de Vudukala. A destruição da camada de ozônio está causando um ferimento em Vudukala, fazendo um buraco no céu. O pajé descreveu direito como é esse buraco, o tipo de raio que está entrando por ali, a grande queimadura que está sendo feita, e que é irreversível.

Tempo é troca

Cada tribo tem uma história, que é a história mundana, isso de demarcar terra, contato com governo, briga com governo, briga com os brancos. Isso aí é uma briga. Tem uma outra história que acho que é a história mesmo, não é um noticiário. É uma história fundada num tem-



Para Ailton Krenak, no Brasil, "mesmo as pessoas bem-intencionadas são free-lancers, passam a maior parte do tempo fazendo o jogo da sacanagem pública. De vez em quando fazem uma pontinha na vida, trabalhando".

po imemorial, que é a gênese de cada uma das nossas tribos, é a origem, o antes. Nesse antes, o mundo como está posto não tinha ainda configuração. Daí, nossos heróis fundadores começaram a criação do mundo.

Todas as nossas tribos contam de maneira diferente, em língua diferente, a mesma história. Nosso herói fundador criou os seres, criou as montanhas, os rios, e quando nós vivíamos nesse tempo imemorial nós não tínhamos essa forma humana, esse corpo. A gente não tinha forma definida. Ai vão acontecer algumas aventuras, algumas mudanças, e ocorre uma passagem muito importante, quando a nossa gente ganha esta forma: o universo faz uma troca com a gente. A gente ganha esta forma, mas em contrapartida surge o tempo.

País é quintal

Eu não fico alienado do mundo. Sei que tem a história chamada objetiva do mundo, que está escrita nos livros, na teoria dos brancos, dos cientistas políticos, mas eu acho que essa teoria e essa história que os brancos escreveram é a história da cultura deles, do pensamento deles, da tradição deles. Respeito ela, mas eu tenho a minha história, que eu acho que é maior, que está em outro nível.

O tempo existe em relação ao espaço que nós estamos nele. Einstein descobriu isso outro dia. Nossos avós já sabiam disso quando nós fomos criados. Se você fosse só um pensamento, não existiria o tempo. A hora que você se funde, estabelece o tempo, porque estabeleceu um lugar físico no mundo. Ai o tempo começa a existir e você está dentro do tempo.

Nos livros escolares, os índios "eram, existiam, moravam, viviam". Não são, existem, moram, vivem. Isso me provoca um sentimento de estranheza mesmo, porque eu fico pensando como pode ter uma sociedade tão débil mental para apagar da memória dela o ontem. Eu acho que a gente tem que contagiar uns aos outros com o pensamento, no sentido de nossa realidade mudar e a gente passar a viver numa nação mesmo e não num acampamento de doídos. As pessoas no Brasil, a maioria, mesmo as bem-intencionadas, são free-lancers, passam a maior parte do tempo delas fazendo o jogo da sacanagem pública, o jogo da sacanagem ideológica, fazendo a brincadeira, estão brincando de viver. De vez em quando fazem uma pontinha na vida, trabalhando, construindo. Construindo o mundo, mas na maioria das vezes estão construindo é a casa deles mesmos, o apartamentinho deles, o carrinho deles, a fortuninha deles, estão construindo a toquinha deles.

Este é que eu acho que é o problema. Uma nação de free-lancers, você só pode ter meio turno, não vai ter um país inteiro, mas no máximo um quintal. Depois, uma confederação de quintais. Nação é diferente, você faz com muita luta.

Aliança é abraço

A União das Nações Indígenas na verdade é um conselho de tribos. Como tem 180 tribos indígenas no Brasil, isso permite à gente imaginar a diversidade cultural, inclusive sociopolítica, econômica, dos vários grupos que compõem a UNI. Você vai ver desde tribos que estão em contato com o branco a partir do século XVI ou XVII, como os xucuru-kariri, os xocó, os kiriri, os guarani do litoral, e vai encontrar gente também como os suruí, que foram contactados em 1972, como os gavião, os arara, os kaiaipó — tem ainda algumas hordas kaiaipó autônomas, que estão no mato — os makuxi, os yanomami. Quando eu falo em yanomami, é lógico que não estou falando da população yanomami como um todo, estou falando da parte dos yanomami que já percebeu as instâncias daqui deste mundo de fora, do mundo do branco.

Eu acho que este jeito de constituir essas alianças tribais é muito diferente das alianças políticas dos brancos, porque as alianças políticas se dão em clima de uma determinada ideologia ou proposta, em determinado plano que está definido no tempo de sua realização. A aliança tribal não é uma aliança política. Eu chamo de "aliança afetiva". Eu não sei se as outras pessoas do mundo se agregam porque um gosta do outro. Eu acho que se agregam porque um pode usar o outro, ou porque um pode ter uma identidade ideológica com o outro. As vezes, não gostam um do outro, não se suportam, às vezes o presidente não suporta o vice, gostaria de afogar o vice, e vice-versa.

No nosso tipo de aliança, quando um yanomami fica meu amigo, ele abre a possibilidade de aliança com o povo yanomami. Na nossa aliança afetiva, a gente fica assim (abraçados) os amigos um com o outro. Conta casos um para o outro, faz amizade, quer ver o outro bonito, pinta o outro, bota uma pulseira bonita, um colar bonito no outro, e se ofende profundamente quando alguém fala daquele seu amigo, porque eles são irmãos, são parentes.

Eu acho que nós demoramos muito tempo, quatrocentos anos depois da chegada dos brancos aqui, para a gente experimentar um tipo de aliança, um tipo de convivência que não supõe o submetimento de todas as tribos de baixo de um comando só. Não tem um comando, um chefe guerreiro carismático que reúne as tribos do Brasil. Tem uma aliança, um conselho de tribos. Nós não somos a Central Única dos Índios, é por isso que nós não temos presidente.

Chico é desbravador

Tradicionalmente, índios e seringueiros foram inimigos, bri-

garam entre si. Mas aí nós descobrimos que tinha um jeito da gente viver juntos. Os índios do Acre sempre foram subjugados pelos seringueiros — os patrões dos seringueiros — como escravos. Então tem uma realidade histórica que envolve índios e seringueiros do Acre, que colocam eles diante de um inimigo comum, que é o patrão, o seringueiro.

Eles fizeram uma luta juntos, para se defender dos seringueiros. A Aliança dos Povos da Floresta é a concretização deste pensamento. O Chico Mendes teve um papel muito importante nisso, porque as duas primeiras pessoas que conversaram mais sobre isso fomos nós dois. Conversamos sobre isso há alguns anos, até a aliança se tornar realidade.

Com a morte do Chico, a gente perde uma pessoa que tinha um coração muito generoso e que trabalhava com um espírito muito forte para que isso fosse para frente. Mas eu acredito que outros companheiros, como o Raimundo de Barros, o Osmarinho Amâncio Rodrigues e vários outros vão continuar dando força.

Futuro é esperança

O maior desafio que a gente tem que enfrentar hoje é o de sermos tribo no final do século XX. Nós ainda somos tribo e acho que temos que desenvolver um esforço muito grande para nos tornarmos contemporâneos do mundo, sem deixar de ser tribo.

Eu acho que o fato de nós termos conseguido chegar às portas do ano 2000 me dá uma esperança muito grande de que nós vamos atravessar esse tempo difícil. Eu tenho certeza de que os próximos dez anos que nos separam do ano 2000 vão ser mais decisivos do que os últimos quinhentos anos para a humanidade toda.

Aquilo que o nosso povo sempre falou, que tudo o que acontecer à Terra vai acontecer aos filhos da Terra, tudo o que ferir a Terra vai ferir os homens, e que a natureza vai se vingar da atitude dos homens na face da Terra, isso já está se cumprindo. E as profecias de todos esses nossos povos afirmam isso. No dia em que os últimos lugares sagrados da Terra tiverem sido tocados, as estrelas, o sol, todos os elementos vivos, a natureza mesma vai reagir de uma maneira imponderável, de uma maneira que os homens nunca poderiam pensar.

Outro dia eu li uma notícia de que os homens já inventaram bombas atômicas capazes de destruir o planeta não sei quantas mil vezes. Parabéns para os humanos.